

## A LÓGICA E AS APRENDIZAGENS ESSENCIAIS

### Texto 1: Deus existe

Eu compreendia bem que, sendo dado um triângulo, é necessário que os seus três ângulos sejam iguais a dois ângulos retos; mas, apesar disso, nada via que me garantisse que no mundo existe qualquer triângulo. Ao passo que, voltando a examinar a ideia de um ser perfeito, notava que a existência estava contida nessa ideia, do mesmo modo, ou mais evidentemente ainda, que na de um triângulo está compreendido serem os seus três ângulos iguais a dois retos, [...] e que, por conseguinte, é pelo menos tão certo como qualquer demonstração da geometria que Deus, que é esse ser perfeito, é ou existe.

R. Descartes, *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, Coimbra, Livraria Almedina, 1985, p.31

### Texto 2: Deus garante a veracidade das ideias claras e distintas

Na verdade, aquilo que há pouco adotei como regra, isto é, que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são inteiramente verdadeiras, não é certo senão porque Deus existe — esse ser perfeito de quem nos vem tudo o que existe em nós. Segue-se que as nossas ideias ou noções — coisas reais que provêm de Deus — não podem deixar de ser verdadeiras, na medida em que são claras e distintas. [...] Mas se não soubéssemos que tudo o que de real e verdadeiro existe em nós provém de um ser perfeito e infinito, por claras e distintas que possam ser as nossas ideias, nenhuma razão teríamos que nos certificasse que elas possuem a perfeição de serem verdadeiras..

R. Descartes, *Discurso do Método*, Lisboa, Sá da Costa, 1980, p. 33

### **Texto 3: Paley e o argumento tradicional do desígnio inteligente**

Ao atravessar um campo, suponhamos que tropeço numa pedra e me perguntam como foi ela ali parar. Poderia talvez responder que, tanto quanto me é dado saber, a pedra sempre esteve naquele local. Não seria muito fácil, talvez, mostrar o absurdo desta resposta. Mas suponha-se que eu tinha encontrado um relógio no chão e que me instavam a responder à questão de saber como apareceu o relógio naquele lugar. Neste caso, dificilmente consideraria a hipótese de dar a resposta anterior – que, tanto quanto me é dado saber, o relógio sempre ali estivera. No entanto, porque não pode esta resposta ser apropriada ao relógio, tal como o é no caso da pedra? [...] Por esta e só esta razão: quando inspecionamos o relógio, vemos que as suas diversas partes estão organizadas e associadas com um propósito [o que não poderia acontecer no caso da pedra]; por exemplo, vemos que as suas diversas partes estão configuradas e ajustadas de modo a produzir movimento e que esse movimento está de tal forma regulado que assinala as horas do dia; e vemos que se as suas diversas partes estivessem configuradas de forma diferente, tivessem outro tamanho ou estivessem colocadas de forma diferente ou segundo outra ordem qualquer, então a máquina não originaria qualquer movimento [...]

Ao observar este mecanismo[...], pensamos que a inferência é inevitável: o relógio teve de ter um criador; teve de existir num ou noutro momento, e num ou noutro lugar, um ou mais artífices que o construíram com o propósito que vemos que lhe é apropriado; [...]

Todos os indícios de invenção, toda a manifestação de desígnio, que existiam no relógio existem nas obras da natureza – com a diferença de, no caso da natureza, serem mais e maiores, num grau que ultrapassa todo o cálculo. Quero eu dizer que o engenho da natureza ultrapassa o engenho da arte em complexidade, subtileza e estranheza do mecanismo; e ultrapassa-o ainda mais, se isso é possível, em termos de número e diversidade; contudo, em muitíssimos casos, não é menos evidentemente mecânico, menos engenhoso, menos apropriado ao seu fim ou apropriado à sua tarefa do que as mais perfeitas produções do engenho humano.

W. Paley, «Teologia Natural» in *Textos e Problemas de Filosofia*, de Aires Almeida e Desidério Murcho (org), Lisboa, Plátano Editora, 2006, pp.175-176